

O Despertar da Nação: nacionalismo e espiritualismo na doutrina integralista

Camila Ventura Merg

Mestranda em História (PUCRS) com financiamento CAPES

RESUMO: O presente artigo analisa o nacionalismo professado pelo Partido de Representação Popular (1945-1965), reorganização do integralismo brasileiro pós-Estado Novo. O nacionalismo integralista baseava-se em uma concepção própria de história, onde o Brasil estaria destinado a posição de grande potência, a partir de suas características geográficas, sociais, culturais e raciais. Esta ótica é fundamentalmente providencialista, tendo a nação brasileira uma missão, designada por Deus, a cumprir. Neste sentido, nacionalismo e espiritualismo, dois princípios básicos da doutrina integralista, conectam-se. Afirmando-se como movimento autenticamente nacional e espiritual, o integralismo utilizou estes dois aspectos doutrinários como legitimadores de seu discurso e de sua intervenção na arena política a partir de 1945.

ABSTRACT: The present article analyses the kind of nationalism supported by the Partido de Representação Popular (1945-1965), the reorganization of the Brazilian integralism after the Estado Novo. The Party's nationalism was based on a particular conception of History, one where the Nation was destined to become a great potency, due to its geographic, cultural, social and racial characteristics. This view is essentially providentialist: the Brazilian Nation was given a mission from God and its destiny was the fulfillment of this fate. In this sense, nationalism and spiritualism, two pivotal elements of the integralist doctrine, are intertwined. Affirming its condition as an authentic national and spiritual movement, the integralism uses these two doctrinal aspects as means to legitimate its discourse and its parts in the political arena after 1945.

Nascido na efervescência política da década de 1930, o movimento integralista, com o título Ação Integralista Brasileira (AIB), obteve destaque pela extensa mobilização popular e rígida doutrina de caráter fascista. Qualificando-se como organização autenticamente brasileira e como representante das mais altas aspirações da Nação, o integralismo elaborou um nacionalismo próprio e marcante, influenciado pelas correntes de pensamento da época, mas com particularidades específicas. Esse nacionalismo compôs a filosofia integralista, determinando sua concepção de mundo e de política e talvez constituindo a sua principal caracterização. A

compreensão do discurso e da trajetória do movimento exige atenção aos seus conceitos sobre Nação e brasilidade, ostentados como bandeiras de luta, princípios de ação e elementos de legitimação. O espiritualismo, outra característica emblemática da constituição doutrinária integralista, participa de maneira fundamental na definição desses conceitos. Nesse sentido, o presente artigo pretende apresentar os eixos que distinguem o nacionalismo integralista e que cooperam na própria identificação da doutrina, analisando a concepção eminentemente espiritual em que se baseiam. Partindo das questões desenvolvidas na dissertação de mestrado em elaboração no Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, um estudo sobre a presença do espiritualismo na reformulação discursiva integralista e afirmação do Partido de Representação Popular (PRP), destacaremos o nacionalismo apregoado pelo Partido por ocasião da reorganização do movimento no período de redemocratização pós-Estado Novo¹. Calcado nas premissas nacionalistas e espiritualistas, o integralismo buscou legitimação a seu discurso e a sua intervenção política a partir de 1945.

No período de vigência da Ação Integralista Brasileira, na década de 1930, o movimento agregou diferentes tendências ideológicas, sintetizadas pelos três principais líderes, inclusive no que diz respeito ao nacionalismo. Miguel Reale foi o grande teórico do Estado, definindo a estrutura e a organização do governo integralista. Seu nacionalismo era prioritariamente econômico, enfatizando a crítica ao imperialismo, ao sistema capitalista internacional e à dependência brasileira em decorrência de tais fatores. A corrente de Gustavo Barroso é classificada como anti-semita. O teórico preocupou-se em produzir análises sobre a realidade histórica mundial e brasileira, destacando a exploração capitalista promovida pelos judeus. As crises e a dependência nacional seriam explicadas pelo domínio econômico judaico, agindo de forma conspiratória para a ruína da Nação. Reale e Barroso, em comum, expressavam o nacionalismo econômico, tratando da dependência financeira e da necessidade de autonomia e fortalecimento nacionais. Apesar de tais tendências encontrarem grande receptividade entre as fileiras da AIB, dividiam espaço com a corrente esboçada pelo grande chefe integralista Plínio

¹ O contexto de redemocratização brasileira posterior a Segunda Guerra Mundial exigiu que o integralismo reformulasse sua doutrina para retornar ao cenário político, hostil às soluções totalitárias. Em linhas gerais, o movimento procurou amenizar as características fascistas e autoritárias presentes na Ação Integralista Brasileira (1932-1937) e abandonou seu caráter revolucionário. Contudo, manteve a orientação de extrema-direita. Para o integralismo após 1945, referências fundamentais são as obras de Calil, Gilberto. **O integralismo no pós-guerra: A formação do PRP (1945-1950)**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001; **O Integralismo no Processo Político Brasileiro: O PRP entre 1945 e 1965: Cães de Guarda da Ordem Burguesa**. 2 volumes. Niterói: UFF/UNIOESTE, 2005. Tese de Doutorado em História.

Salgado, que dava ênfase a um nacionalismo mais cultural e político. Após o fechamento da AIB, em 1937, e com a emergência do Partido de Representação Popular em 1945, Gustavo Barroso e Miguel Reale abandonaram o movimento; Plínio Salgado encontrou a liderança sem concorrências e sua formulação doutrinária passou a ser predominante. Dessa forma, a tendência nacionalista pliniana moldou o nacionalismo do PRP.

O nacionalismo perrepista equivalia às idéias nacionalistas de Plínio Salgado. Estas sempre estiveram presentes em suas atividades intelectuais. Como modernista², Plínio Salgado participou do grupo Anta, ala nacionalista radical do grupo Verdeamarelo, esboçando um nacionalismo eminentemente sentimental e místico. Além de estabelecer uma relação emocional com seu país, Salgado percebia a nacionalidade com uma finalidade suprema, com uma missão espiritual emanada de Deus. O uso de vocabulário místico, em termos como intuição, sentimento, alma, espírito e destino, é comum em seus escritos sobre a Nação. Salgado também demonstrava preocupação política, através de análises sociais, em que emergiam o anti-cosmopolitismo, a crítica ao desequilíbrio regional, a defesa da unidade nacional e a necessidade da constituição de uma consciência brasileira. Suas análises eram permeadas pelo resgate do passado e de mitos que fundamentariam a nacionalidade brasileira.³

O pensamento de Plínio Salgado desenvolveu-se em consonância com o contexto intelectual e sofreu influências de seu tempo. Podemos situar suas considerações sobre a nacionalidade na ideologia do caráter nacional⁴, tendência de análise predominante na intelectualidade brasileira entre meados do século XIX e XX. Como observa Marilena Chauí, "território, densidade demográfica, expansão de fronteiras, língua, raça, crenças religiosas, usos e costumes, folclore e belas-artes foram os elementos principais do 'caráter nacional', entendido como disposição natural de um povo e sua expressão cultural".⁵ O caráter nacional é uma construção ideológica unificadora e coerente, que procura agregar a totalidade das características nacionais. Sua tônica é a definição dos traços naturais típicos do brasileiro, resultado da fusão das três raças fundadoras (índio, branco e negro), atribuindo homogeneidade ao povo. Essa definição mescla pessimismo e otimismo frente à Nação, pontuando aspectos positivos e negativos da

² O movimento modernista e pós-modernista preocupou-se em promover uma renovação nacionalista, voltado à análise social e à elaboração de pensamento e produção autenticamente brasileiros.

³ A coletânea **Literatura e Política** (1927); a trilogia de romances sociais **O Estrangeiro** (1926), **O Esperado** (1931) e **O Cavaleiro de Itararé** (1933); e as "notas políticas" publicadas no jornal **A Razão** (1931-1932), são as principais referências do pensamento de Salgado anterior a AIB.

⁴ VASCONCELOS, Gilberto. **Ideologia Curupira**. Análise do Discurso Integralista. São Paulo: Brasiliense, 1979.

⁵ **Brasil**. Mito Fundador e Sociedade Autoritária. 5ª ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004, p. 21.

psique de cada uma das raças iniciais. Entretanto, o caráter nacional visa à glorificação do Brasil e a afirmação de sua superioridade, calcada justamente em suas especificidades. Apesar de ter sido apropriada por correntes políticas dissonantes, esta ideologia tem caracterização fundamentalmente conservadora e elitista. Entre seus propagadores, encontramos nomes como Silvio Romero, Afonso Celso, Cassiano Ricardo e Gilberto Freyre. Podemos considerar esta tendência como a linha mestra do pensamento nacionalista de Plínio Salgado, tanto em sua atividade literária quanto política, definindo os tópicos privilegiados em sua análise. Entre suas referências intelectuais, acompanhando o conservadorismo, somam-se Alberto Torres, Farias Brito, Oliveira Lima, Jackson de Figueiredo, Nina Rodrigues, entre outros citados nominalmente por Salgado em seus escritos.

O nacionalismo da fase basicamente literária de Plínio Salgado fundamentou sua participação política. Há um ideário praticamente contínuo em sua trajetória; seu nacionalismo permanece bastante semelhante entre a AIB e o PRP. No Manifesto de 1932, que lança o movimento integralista, encontramos suas linhas mestras: a exaltação do homem e da terra brasileira, o culto ao passado e às tradições, a luta pela manutenção da unidade e pelo estabelecimento de uma consciência nacional. O integralismo colocava-se o objetivo de despertar a Nação, ou seja, promover o resgate das características autenticamente brasileiras e organizar o país a partir delas, levando-se em consideração suas peculiaridades e necessidades específicas. A crise brasileira era justificada pelo abandono dos valores nacionais e pela adoção de ideologias e perspectivas estrangeiras, deslocadas da realidade do Brasil. O projeto integralista, então, tinha como meta a constituição da nacionalidade.⁶ Para isso, recriava um passado mítico, cultuando heróis responsáveis pela preservação da Nação e tradições que representariam a verdadeira essência da brasilidade. O mito das três raças simbolizava a origem do Brasil para os integralistas:

"Então, a meiga ingenuidade do índio, raça infantil em permanente comunhão cósmica, raça constituída de homens-árvores, virginais nas suas impressões e nos seus raciocínios porque vinham agora mesmo da terra, misturavam-se à onda negra vinda das florestas da África no bojo

⁶ O integralismo aproveita o vazio de identidade existente no Brasil, onde não há um sentimento de coletividade, uma percepção efetiva de Nação. As agitações do início da década de 1930 são consideradas por Plínio Salgado como o gérmen da transformação proposta por seu movimento.

dos navios, para reiniciar o diálogo de Cam com seus irmãos, interrompido na Ásia, depois do Dilúvio. E o branco arremessou de si todos os preconceitos para abraçar seus irmãos".⁷

O brasileiro seria a síntese das três raças fundadoras (indígena, negra e branca) e carregaria suas características. O índio era considerado a grande matriz; o tupi seria a raiz básica da nacionalidade, influenciando predominantemente a cultura, a língua e mesmo o caráter brasileiro. Esse brasileiro era simbolizado pelo caboclo, figura cultuada pelo integralismo como o verdadeiro representante nacional, porém oprimido pela dominação do litoral ao interior.⁸ A abordagem do mito das três raças, aqui, deixa transparecer uma perspectiva preconceituosa, mesmo que velada. Apesar de ser considerado a matriz da nacionalidade, o índio era associado geralmente a características rudimentares, simplórias e infantis. O negro, por sua vez, tinha sua participação na constituição do brasileiro minimizada, relacionada mais com o desenvolvimento produtivo, como o "grande fator da organização agrícola do país".⁹ Já o português assumia superioridade, quando considerado como elemento organizador, civilizador e, principalmente, como promotor da fé cristã em terras americanas.¹⁰

De acordo com a ideologia do caráter nacional, o integralismo distinguiu as características típicas do brasileiro, produto da fusão racial. A distinção concentrava-se na mentalidade brasileira, formada pela média das tendências gerais das classes letradas, incluindo desde o cidadão erudito ao menos culto. A influência do índio aparece como predominante na definição de um povo dócil, meigo, acolhedor, mas também batalhador, agressivo e intemerato. Enfatizava-se o caráter puro, honesto e bravo da população. Não há, contudo, a isenção de características negativas. O brasileiro seria, sobretudo, um povo-criança: "é que sua personalidade *não é bastante profunda* para discernir. É uma personalidade superficial, infantil, caprichosa, cheia de arestas".¹¹ Daí a dificuldade de organização das massas no Brasil. Como características fundamentais do povo estavam a discordância, a inconstância e a imaginação, principal fator de desagregação; "essa feição generalizada da mentalidade brasileira é a vaga por onde perpassam as

⁷ SALGADO, Plínio. A Quarta Humanidade. In: **Obras Completas**. Vol. V. São Paulo: Editora das Américas, 1955. p. 126.

⁸ Segundo o discurso integralista, o litoral (grandes centros) reflete a influência estrangeira, enquanto o interior mantém as raízes do Brasil original.

⁹ SALGADO, Plínio. Despertemos a Nação. In: **Obras Completas**. Vol. 10. São Paulo: Editora das Américas, 1955. p. 119.

¹⁰ Em Gustavo Barroso, o papel do português como cristianizador ganha ainda mais destaque, sendo a "Cultura Espiritual do Velho Mundo" considerada a gênese da cultura brasileira. Neste ponto há um contraste com a idéia de valorização e predominância de uma cultura autenticamente nacional proposta por Salgado.

¹¹ SALGADO, Despertemos a Nação, p. 114.

correntes de idéias, sem que nenhuma exerça uma predominância absoluta".¹² A tendência a manipulação e ao individualismo também era destacada: "as nossas próprias leis são recebidas sempre sem revoltas porque cada cidadão está convencido de que poderá burlá-la, segundo o seu modo de ver e de interpretar".¹³

O PRP consolidou o nacionalismo sentimental e cultural, que inspirava seu projeto político e era inspirado por uma concepção própria de universo, de homem e de história, calcada em princípios espirituais. O integralismo definia-se como doutrina espiritualista, tendo "por base a crença em Deus e na imortalidade da alma humana e baseava a sua filosofia nesse conceito do universo e do homem".¹⁴ Doutrina espiritualista pode ser compreendida como concepção de vida que parte da idéia fundamental da existência de Deus e de seu poder interventor. Segundo este princípio, o plano material e os homens são criações divinas e encontram-se submetidos a uma finalidade superior. Esta finalidade é constituída por dois objetivos básicos: a) o constante aperfeiçoamento e elevação do homem, através do trabalho e sacrifício em prol da família, da Pátria e do bem comum; b) o estabelecimento da harmonia social, através da disciplina e da hierarquia. Tais objetivos significam a realização dos princípios morais associados ao espiritualismo, entre eles a justiça, a liberdade, a ordem, a hierarquia, a família e a Pátria. Tendo em vista que os princípios espirituais devem guiar a conduta dos homens, enquanto criaturas de origem sobrenatural, o espiritualismo converte-se na base das posturas culturais, políticas, econômicas e sociais adotadas pelo integralismo. Em suma, visão de mundo espiritualista carrega a noção de providência divina, em que os homens e os povos realizam um destino, valendo-se de certo nível de autonomia individual (livre-arbítrio), priorizando os valores considerados emanantes de Deus. É a partir do conceito de destino e missão suprema que o integralismo desenvolve sua definição de Nação e nacionalismo, baseada em uma concepção específica de história em que o Brasil está inserido.

O integralismo parte de uma filosofia da história que crê no aperfeiçoamento progressivo da humanidade, impulsionada pela finalidade suprema a que está submetida. Para Salgado, "a história é a crônica do desenvolvimento e da transformação do Espírito dos Povos numa

¹² *Idem*, p. 90.

¹³ *Idem*, p. 90.

¹⁴ SALGADO, Plínio. Discurso no Teatro Municipal do Rio de Janeiro. In: **Discursos**. São Paulo: Panorama, 1947. p. 14.

aspiração de perfectibilidade".¹⁵ O processo histórico era explicado pela harmonia entre determinismo e livre-arbítrio: a evolução histórica tem uma dinâmica, um ritmo (providência divina), mas está suscetível às ações individuais. De qualquer forma, esta concepção histórica está profundamente imersa na noção de destino, e um destino regulado por uma força sobrenatural que é a-histórica, eterna:

Destino dos povos, vontade desconhecida, que ages no fundo das Eras, através das transformações numerosas e constantes do Espírito do tempo e das fisionomias da Terra; Força providencial, que determinaste as migrações das raças e tangeste nacos em marchas de conquistas, fundando as religiões e estabelecendo os impérios; Tu, que conduzes os povos, que modificas as cartas geográficas, que derrubas e ergues os tiranos, que oprime as multidões em obediência a teus secretos desígnios, e, como as oprime, as elevas, na glória das civilizações.¹⁶

Na "história integralista", as nações e as civilizações ocupam espaços determinados pelo chamado "destino dos povos". Plínio Salgado estabeleceu uma periodização que ajuda a compreensão desses espaços. A história foi dividida em diferentes humanidades, que se sucedem sem limites rígidos de tempo e espaço.¹⁷ A primeira humanidade, chamada politeísta ou fase de adição, teria prevalecido até o surgimento do Cristianismo. Seria caracterizada pela subordinação do homem à natureza e pela diversidade de crenças, idéias e grupos sociais pouco organizados. A segunda humanidade, monoteísta, seria a fase de fusão, de integração dos elementos dispersos na primeira. Teria conhecido sua grande expressão na Idade Média, onde Deus fora causa, razão e finalidade única. A segunda humanidade conceberia o mundo de forma totalitária, aos moldes da visão que o integralismo pretendia implantar. Sua definição aproximava-se do ideal integralista:

O Homem procede de Deus e vai para Deus. A terra é uma passagem, o caminho entre dois Infinitos. A vida humana, uma contingência material do Espírito. E é desse pensamento central que se origina a organização do Estado, das classes, das famílias, das comunas geográficas. É desse pensamento que decorre o conceito de autoridade, da obediência às leis morais e às leis civis.¹⁸

A terceira humanidade, fase de desagregação, caracterizaria-se pela predominância do ateísmo. Teria se estabelecido com a emergência do Renascimento e define o mundo moderno: relativista, cientificista, racionalista, materialista. Esta seria a humanidade instauradora do caos.

¹⁵ SALGADO, Plínio. **Psicologia da Revolução**. Rio de Janeiro: Livraria Clássica Brasileira, 1953. p. 14. *Apud* TRINDADE, Hégio. **Integralismo**. O fascismo brasileiro na década de 30. Porto Alegre: Difel, 1974. p. 203.

¹⁶ SALGADO, A Quarta Humanidade, p. 124.

¹⁷ A periodização das humanidades é discutida por SALGADO, A Quarta Humanidade; e por BARROSO, Gustavo. **O Quarto Império**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935.

¹⁸ SALGADO, A Quarta Humanidade, p. 32.

O século XX estaria enfrentando a crise da terceira humanidade e veria, até o seu fechamento, a emergência da quarta humanidade; a fase da síntese de todas as civilizações anteriores, executando o equilíbrio entre homem e natureza, entre matéria e espírito, entre ciência e divindade. A quarta humanidade seria um novo "senso de vida, uma concepção cósmica", que equivale aos projetos de transformação integralistas, inclusive no que diz respeito a perspectiva política:

[...] outra Humanidade, que está nascendo. E que saberá, em cada país, criar novos padrões de cultura, de moral, de direito, de administração e de política. E criará uma nova autoridade, baseada numa concepção de origem e de finalidade do mundo. E criará um novo processo de relações sociais e econômicas. E criará o Estado Integralista, consultando, a um tempo, a aspiração do Infinito da criatura humana e as contingências da vida material. O Estado, que salve o homem da ditadura cruel do materialismo finalista [...]. O Estado, que defenda o Indivíduo contra a Sociedade e a Sociedade contra o Indivíduo. O Estado que seja o impositor do equilíbrio, o mediador máximo [...]. Este Estado realizará a possível felicidade na Terra, baseada na confiança em Deus, no amor do próximo, sem precisar excluir os valores científicos, mas subordinando a ciência a um pensamento superior de finalidade humana".¹⁹

Seria neste momento de estabelecimento de uma nova humanidade, que o Brasil encontraria sua missão suprema. O país, à frente de um movimento que deveria se espalhar pela América do Sul, iria conduzir o mundo à nova forma de vida da quarta humanidade. É um destino de múltiplos aspectos: o Brasil como potência político-econômica mundial e como liderança moral e espiritual, para a salvação contra o materialismo. A destinação justifica-se por um conjunto de potencialidades. Sob o aspecto geográfico, a América Latina seria uma zona propícia, pois possui extensão territorial e localização adequada: "a zona intertropical" — escreve Alberto Torres (Organização Nacional) — "é o berço do animal humano".²⁰ Além disso, o ritmo da evolução das civilizações por toda a história acompanharia o sentido Oriente-Occidente; com a Europa em decadência, a América seria o próximo degrau do progresso civilizatório. O Brasil concentraria tais potencialidades, reunindo uma diversidade rica de climas, realidades sociais, raças, culturas, coexistindo em harmonia, realizando uma unidade cósmica. A diversidade harmoniosa seria necessária para o surgimento da quarta humanidade, que representa a síntese e a totalidade, "e, na América, nenhum país, como o Brasil se reserva a ser a pátria universal. Nele se conjugam, como num resumo estupendo, todas as realidades humanas e geográficas".²¹ Além da

¹⁹ *Idem*, p. 64-65.

²⁰ *Idem*, p. 69.

²¹ *Idem*, Despertemos a Nação, p. 55.

variedade de elementos constituintes, o Brasil contaria com uma configuração física correspondente às futuras necessidades mundiais, responsáveis pela substituição das potências econômicas:

Amanhã, quando os motores a explosão forem substituídos por pequenos acumuladores elétricos, e a eletricidade se tornar uma verdadeira revolução política, poderemos perguntar aos povos que possuíram o petróleo e a hulha, onde está a sua superioridade racial. Nessa época igualitária do ponto de vista econômico internacional, o Brasil será a maior nação do mundo, por dispor de mais terras, e terras férteis, e poder desenvolver todas as culturas, porque se estende através de zonas as mais distintas.²²

A emergência do Brasil como potência, a partir das vantagens constituintes, apresenta-se como um projeto futuro. A literatura integralista afirma a consciência sobre a posição subdesenvolvida e dependente do país em plano mundial. Essa posição era justificada pela exploração a que foi submetida a Pátria, desde os tempos da colonização e principalmente a partir do período imperial. Contudo, os sofrimentos enfrentados pelo Brasil e pelo seu povo foram acrescidos ao rol de potencialidades do país. A superioridade brasileira estaria calcada justamente no esforço e na renúncia, formando uma nacionalidade forte, resistente e batalhadora.

Além do potencial geográfico, cultural e econômico, a América do Sul, mais especificamente o Brasil, contém uma vantagem racial para a nova humanidade. A mistura de raças que ocorreu no Novo Mundo, aliada às suas condições de desenvolvimento, teria resultado em uma única raça, considerada especial. O isolamento a que foi submetida a América subdesenvolvida teria propiciado, por sua vez, a manutenção das características originais dessa raça e o desenvolvimento de uma cultura peculiar, praticamente imune aos desvios materialistas que tomaram conta da Europa. A idéia de fusão racial elaborada pelo integralismo remete-se ao mito das três raças fundadoras do Brasil, mencionado anteriormente, e a "raça cósmica" tratada pelo sociólogo mexicano José de Vasconcelos.²³ A raça americana concentraria os elementos para a fundação da quarta humanidade, assim expostos:

a) A agudeza dos instintos, pela proximidade étnica com o selvagem, intimamente ligado a sutis correspondências com o meio cósmico. Essa fina inteligência do nosso caboclo, desconfiado,

²² *Idem* p. 33-34.

²³ Plínio Salgado utiliza as formulações de Vasconcelos no livro **A Quarta Humanidade**, apropriando-se da idéia de "raça cósmica", que constituiria a civilização do futuro, a se formar na América, entre as bacias do Amazonas e do Prata.

arguto, capaz de compreender tudo por um simples olhar, é uma expressão humana genuinamente nossa.

b) A extrema bondade, procedente da candura infantil dos povos-crianças, e que nos dá uma capacidade moral inigualável para considerar os problemas sociais e internacionais numa atitude superior, isenta dos pavores e ódios que solapam os povos antigos.

c) A profunda espiritualidade, que confere ao nosso sentimento cristão uma pureza inatingida por outros povos.

d) A tenacidade na luta, já provada em quatro séculos de desbravamento das florestas, da escravidão econômica, da pobreza de combustíveis, numa obra sem igual no mundo.²⁴

O sentido espiritual da raça, um sentido cósmico, era acentuado. Além de apresentarem um potencial místico, evidenciado pela poderosa religiosidade indígena e africana, as populações brasileiras, com a inocência típica dos povos infantis, teriam absorvido de forma satisfatória o cristianismo. O politeísmo e o monoteísmo, cruzados harmonicamente nas terras do Brasil, resultariam em uma religiosidade inédita, resistente e pura. Este aspecto tem importância primordial para a instauração da humanidade nova, pois esta se realizaria perante um processo de transformação interior, através do resgate dos princípios espirituais tradicionais próprios da raça.

O Brasil, impulsionado por condições adequadas, estaria destinado a empreender a reforma mundial, iniciando a implantação de uma nova consciência humana. Seria este o país escolhido por Deus para tal missão, que deveria ser iniciada pelo resgate da personalidade do brasileiro e suas características autênticas, constituindo a nacionalidade brasileira. A propagação do sentimento e da consciência de nacionalidade seria o segundo passo para a instauração da reforma nacional e mundial. Neste ponto, o Estado ganha importância fundamental. O Estado, na visão integralista, seria a conjunção das expressões e aspirações do grupo nacional; "antes de se consubstanciar como fato social, isto é, assentimento de vontades, já existia como síntese doutrinária".²⁵ Sua função seria promover o crescimento imperioso do Brasil, através do fortalecimento político, econômico e cultural, baseado na prevalência do sentimento de coletividade, de Nação, ainda ausente no Brasil. O modelo de Estado pretendido era a democracia cristã, entendida como uma democracia restrita, limitada pelos "direitos do espírito" que preservam a liberdade verdadeira (composta por direitos e deveres perante o grupo social e o Estado). Seria a democracia determinada pelos princípios cristãos e moldada a partir das peculiaridades da nacionalidade emergente: "A democracia, tal a entendemos, é útil como o envelope que trás dentro uma carta e por fora um endereço (...). Figuremos o sobrescrito como os

²⁴ SALGADO, A Quarta Humanidade, p. 73.

²⁵ SALGADO, Plínio. **O Conceito Cristão da Democracia**. Coimbra: Edições Estudos, 1945. p. 107.

caracteres peculiares de cada nacionalidade e a carta como os princípios doutrinários imutáveis para todos os povos".²⁶ Assim, o Estado brasileiro deveria funcionar a partir e em função da nacionalidade, mas atendendo aos preceitos universais do cristianismo. O objetivo do Estado pelos integralistas é a construção de uma Nação verdadeiramente autêntica e espiritualizada, conforme afirma Plínio Salgado:

Se concebermos a Nação como um conjunto de forças materiais, morais, intelectuais; um índice de tradição histórica, de raça, de costumes, de tendências, de caráter próprio, de espiritualidade, de superiores desígnios humanos; uma expressão completa e total do homem, com as suas fatalidades materiais, os seus atributos intelectuais, o seu desejo de aperfeiçoamento moral; se concebermos assim a Nação, teremos de estudar os meios de possibilitar a consecução dessa finalidade e de condicionar as realidades do país aos superiores objetivos do destino que lhe queremos traçar.²⁷

Quanto ao funcionamento do Estado e às medidas nacionalistas práticas, o discurso integralista não é tão claro. Desde as atividades literárias de Plínio Salgado, passando pela AIB e ainda no PRP, há preocupação com a excessiva autonomia dos governos estaduais e com os regionalismos, extremamente fortes no Brasil. O integralismo destaca a necessidade de centralização política, dentro de um projeto totalista de unidade nacional. Em termos econômicos, o nacionalismo também não é especificado. Nos anos 1930, fora comum a crítica ao cosmopolitismo e a denúncia da dominação da economia brasileira pelas nações ricas e bancos internacionais, possibilitada pelo sistema capitalista e imperialista. Contudo, o anticosmopolitismo desaparece com o advento do PRP e a questão da dominação é atenuada. O Partido assume a defesa da internacionalização econômica e, inclusive, incentiva a entrada de capitais externos. O item de mais destaque no Programa do PRP é a valorização da produção nacional. Neste ponto, o caráter ruralista do Brasil é acentuado, defendendo-se os incentivos para o crescimento da produção agrária e a capacitação dos trabalhadores agrícolas.

O projeto nacionalista empreendido pelo PRP vai além da defesa de medidas práticas que favoreçam o país. O integralismo pretendia implantar uma Nação, uma consciência de nacionalidade. A partir do princípio de Pátria, como "fazão ética, imperativo espiritual, imposição do afeto e da solidariedade de milhões de filhos de um mesmo Povo"²⁸, objetivava-se construir uma Nação como reflexo da alma brasileira, das "emoções gerais, consciência de integração no

²⁶ *Idem*, p. 115.

²⁷ *Idem*, *Despertemos a Nação*, p. 98-99.

²⁸ SALGADO, *A Quarta Humanidade*, p. 111.

todo coletivo, ritmo nacional de vida, comunhão e costumes, tendências, aspirações, defeitos, esperanças, modos de ser, fisionomia íntima".²⁹ Era um projeto efetivamente ambicioso, mas justificado por uma concepção espiritual de mundo, que integra a interpretação do papel da Pátria e da Nação. O engrandecimento do Brasil, através do resgate das características típicas, formação de identidade e preservação da unidade nacional, tornava-se um empreendimento inevitável, pois corresponderia a um desígnio divino, que atribui ao Brasil uma missão suprema. O aspecto espiritual do nacionalismo integralista, além de justificar o projeto nacionalista em si, legitimava o próprio movimento partidário. Considerando-se o único movimento genuinamente nacional e tendo o nacionalismo como uma das principais bandeiras de atuação, o integralismo afirmava-se como alternativa ímpar para a resolução dos problemas brasileiros, pois defendia um princípio emanado de Deus. A construção da Nação sob ótica divinatória subjuga, então, qualquer empreendimento que atenda apenas às contingências passageiras do plano material.

A América do Sul vai erguer-se, pelo milagre do Brasil. O Brasil caboclo, o Brasil forte, o Brasil do sertão, o Brasil bárbaro e honesto, num ímpeto selvagem, está se levantando com as novas gerações.

É o despertar de uma Nação.

É um destino que se cumpre.³⁰

²⁹ *Idem*, p. 134-135.

³⁰ *Idem*, p. 160-161.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BARROSO, Gustavo. **Comunismo, Cristianismo e Corporativismo**. Rio de Janeiro: Editora ABC, 1938.

_____. **Integralismo e Catolicismo**. Rio de Janeiro: Editora ABC, 1937.

CALIL, Gilberto G. **O integralismo no pós-guerra: A formação do PRP (1945-1950)**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

CHAUÍ, Marilena. *Brasil. Mito fundador e sociedade autoritária*. 5ª ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

ENCICLOPÉDIA DO INTEGRALISMO BRASILEIRO. 12 volumes. Rio de Janeiro: Livraria Clássica Brasileira, 1958.

PADILHA, Raymundo. **O Integralismo e o PRP: (discursos)**. Rio de Janeiro, 1946.

PARTIDO de Representação Popular. **Carta de Princípios e Programa**. Diretório Regional Rio Grande do Sul, 1955.

SALGADO, Plínio. **O Conceito Cristão da Democracia**. Coimbra: Edições Estudos, 1945.

_____. Despertemos a Nação. In: **Obras Completas**. Vol. 10. São Paulo: Editora das Américas, 1955.

_____. **Discursos**. São Paulo: Editora Panorama, 1947.

_____. A Quarta Humanidade. In **Obras Completas**. Vol. V. São Paulo: Editora das Américas, 1955.

TRINDADE, Héliogio. **Integralismo: O fascismo brasileiro na década de 30**. Porto Alegre: Difel, 1974.

VASCONCELOS, Gilberto. **Ideologia Curupira: Análise do Discurso Integralista**. São Paulo: Brasiliense, 1979.